|  |  |
| --- | --- |
| Boca viçosa, de perfume a lírio,  Da límpida frescura da nevada,  Boca de pompa grega, purpureada,  Da majestade de um damasco assírio.  Boca para deleites e delírio  Da volúpia carnal e alucinada,  Boca de Arcanjo, tentadora e arqueada,  Tentando Arcanjos na amplidão do Empíreo,  Boca de Ofélia morta sobre o lago,  Dentre a auréola de luz do sonho vago  E os faunos leves do luar inquietos...  Estranha boca virginal, cheirosa,  Boca de mirra e incensos, milagrosa  Nos filtros e nos tóxicos secretos...  (Cruz e Sousa, *Faróis,* 1900) | Beijas-me tanto, de uma tal maneira,  boca de meu Amor, linda assassina,  que não sei definir, por mais que o queira,  teu beijo que entontece e que alucina!  Busco senti-lo, de alma e corpo, inteira  e todo o senso aos lábios meus se inclina:  morre-me a boca, presa da tonteira  do teu carinho feito morfina.  Beijas-me e de mim mesma vou fugindo,  E de ti mesmo sofro a imensa falta,  no vasto voo de um delíquio infindo...  Beijas-me e todo o corpo meu gorjeia,  e toda me supunho uma árvore alta,  cantando aos céus de passarinhos cheia...  (Gilka Machado, *Meu glorioso pecado*, 1928) |

|  |  |
| --- | --- |
| Cruz e Sousa – Wikipédia, a enciclopédia livre  Cruz e Sousa  (1861-1898) | Gilka Machado > Meu Lado Poético  Gilka Machado  (1893-1980) |

“[...]

Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta, gênese assombrosa de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!

[...]

Não! Não! Não! Não transportarás os pórticos milenários da vasta edificação do Mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça.

Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, broncamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim para trás, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo – horrível! – parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num fio espasmo de terror absoluto...

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mas pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, - longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até as Estrelas, deixando-te para sempre alucinado e emparedado dentro do teu Sonho...” (Cruz e Souza, “Emparedado”, *Evocações*, 1898)

De que vale viver

trazendo, assim, emparedado o ser?

Pensar e, de contínuo, agrilhoar as ideias,

dos preceitos sociais nas torpes ferropeias;

ter ímpetos de voar,

porém permanecer no ergástulo do lar

sem a libertação que o organismo requer;

ficar na inércia atroz que o ideal tolhe e quebranta...

....................................................................................

Ai! Antes pedra ser, inseto, verme ou planta,

do que existir trazendo a forma de mulher.

(Gilka Machado, “Ânsia de azul”, *Cristais partidos*, 1915)